

A Ciência Litúrgica como disciplina universitária.  
Manuel de Azevedo S.J. (1713-1796)  
e as primeiras cátedras de ciência litúrgica

CARLOS CABECINHAS

Universidade Católica Portuguesa (UCP), Lisboa

O Concílio Vaticano II, na Constituição sobre a sagrada Liturgia *Sacrosanctum Concilium* (n. 16) considera a ciência litúrgica uma das disciplinas principais do curso teológico<sup>1</sup>. Não se trata, pois, de uma disciplina secundária ou auxiliar, mas principal. Desde o Concílio de Trento, os seminários faziam formação litúrgica dos alunos, mas essa formação reduzia-se à preparação prática dos futuros padres e pouco tinha de disciplina teológica. A ciência litúrgica, como disciplina do curso teológico, só foi incluída nos currículos teológicos no século XVIII. O que se apresentará de seguida, de forma muito sintética<sup>2</sup>, é o processo de criação e estruturação das primeiras cátedras de Liturgia, a saber: a *Schola Sacrorum Rituum* do Colégio Romano, a cátedra de Ritos Sagrados da Academia Litúrgica Pon-

<sup>1</sup> SACROSANCRUM CONCILIIUM OECUMENICUM VATICANUM II, «Constitutio de sacra Liturgia *Sacrosanctum Concilium*», *Acta Apostolica Sedis* 56 (1964) 104: *Disciplina de sacra Liturgia in seminariis et studiorum domibus religiosi inter disciplinas necessarias et potiores, in facultatibus autem theologicis inter disciplinas principales est habenda* (n. 16).

<sup>2</sup> Para respeitar os limites deste breve contributo, foi necessário sintetizar ou mesmo omitir muitas referências bibliográficas. Para uma apresentação mais completa e fundamentada, cf. C.M.P. CABECINHAS, *A Ciência Litúrgica como disciplina universitária. Manuel de Azevedo e as primeiras cátedras de ciência litúrgica*, Coimbra 2009.

tífica de Coimbra. Ambas as cátedras estiveram ligadas à figura do jesuíta Manuel de Azevedo. Indirectamente, também a cátedra de “Teologia Litúrgica” da Universidade de Coimbra, criada em 1772, pela reforma pomalina da universidade, teve influência do jesuíta. Não se trata, pois, de dissertar sobre Manuel de Azevedo, mas tão só de apresentar as primeiras cátedras de ciência litúrgica, para as quais o contributo de Manuel de Azevedo foi decisivo.

## Os antecedentes

A ciência litúrgica surgiu no decurso do século XVI<sup>3</sup>, quando o processo de codificação litúrgica estava, no essencial, terminado<sup>4</sup>. Conheceu depois um desenvolvimento notável, sobretudo na segunda metade do século XVII e durante o século XVIII.

Para compreender o despontar da nova disciplina teológica importa, antes de mais, referir a desagregação da síntese teológica medieval, que se verificou sobretudo a partir do século XV e que esteve na origem do nascimento de várias disciplinas teológicas. Tal processo de desagregação caracterizou-se por uma tendência para a especialização, que resultou na multiplicidade de disciplinas teológicas entretanto surgidas, como demonstram os epítetos de *theologia biblica*, *theologia dogmatica*, *theologia moralis*, etc. A expressão *theologia liturgica* surgiria, contudo, apenas no século XVIII.

Determinante para o aparecimento da ciência litúrgica foi o crescente interesse pelos estudos históricos. Tal interesse desenvolveu-se sobretudo com o humanismo do Renascimento, caracterizado pela atenção dada à antiguidade, pagã e cristã, e aos seus textos. Este “regresso” às fontes levou ao desenvolvimento de uma verdadeira crítica literária, em ordem à fixação dos textos antigos, e lançou as bases da futura crítica histórica. Tal movimento provocou também uma renovação da Teologia, que se faz sentir sobretudo a partir do século XVI, com o desenvolvimento da chamada “Teologia positiva”. O interesse pela publicação e estudo dos textos litúrgicos será, pois, uma conse-

<sup>3</sup> Cf. J. HERMANS, «La liturgie comme discipline théologique», *Revue Théologique de Louvain* 18 (1987) 337-360.

<sup>4</sup> Cf. C. VOGEL, *Medieval Liturgy. An Introduction to the Sources*, Revised and Translated by W.G. Storey – N.K. Rasmussen, Washington D.C. 1986, 17; E. PALAZZO, *Histoire des livres liturgiques. Le Moyen Age. Des origines au XIII<sup>e</sup> siècle*, Paris 1993, 29.

quência desta nova sensibilidade. E, de facto, durante o século XVI, um dos aspectos mais relevantes, a nível da ciência litúrgica, foi precisamente o início desse esforço de publicação das fontes litúrgicas antigas, que atingiu uma importância sempre crescente nos séculos seguintes.

Um outro factor a contribuir para o nascimento da ciência litúrgica, foi o progressivo abandono da interpretação alegórica da Liturgia, típica do período medieval, e a adopção de uma interpretação de carácter ou rubricista ou histórico. A ciência litúrgica era entendida, sobretudo, como ciência que explicava os textos litúrgicos, os ritos e as prescrições rituais a partir do seu estudo histórico. Foi, pois, com a prioridade dada às ciências históricas e com a adopção do seu método que o estudo da Liturgia atingiu um nível científico.

Um outro factor decisivo para o nascimento da ciência litúrgica foi a reforma protestante. Num período marcado pela polémica, quer católicos, quer protestantes sentiram a necessidade de justificar de maneira científica as suas Liturgias. Como reacção às críticas protestantes, que negavam a antiguidade da Liturgia católica, os autores católicos empreenderam a sua defesa, recorrendo prevalentemente ao estudo histórico e das fontes dessa mesma Liturgia. Assim, com claro e expresso objectivo apologético, o estudo da Liturgia cristã primitiva e das suas fontes tornou-se, neste período, objecto de actividade científica. A ciência litúrgica, nascida em tal contexto, manteve nos séculos seguintes esta dimensão apologética.

Pode dizer-se, pois, que o nascimento da ciência litúrgica resulta da conjugação destes diversos factores: a crise da síntese teológica da Escolástica e o crescimento do interesse pelos estudos históricos, a rejeição e progressivo abandono de uma interpretação alegórica da Liturgia, e a necessidade de responder às críticas dos reformadores protestantes em relação à Liturgia católica.

Se tais factores foram determinantes para o aparecimento da ciência litúrgica, naturalmente também condicionaram o seu desenvolvimento posterior: nos séculos XVI a XVIII, a ciência litúrgica apresenta como características marcantes uma orientação prevalentemente histórica e apologética. Na maior parte dos casos, não é sequer possível separar a orientação histórica da apologética, uma vez que a motivação de parte dos estudos históricos e da edição de fontes litúrgicas antigas era precisamente de natureza apologética.

Na primeira metade do século XVIII, a nova disciplina teológica atinge já um certo grau de maturidade, consequência do notável desenvolvimento dos estudos histórico-litúrgicos. O aparecimento de várias iniciativas para promover o estudo e ensino da Liturgia marcou depois, como consequência lógica, a segunda metade do século XVIII.

O primeiro projecto conhecido para o ensino da Liturgia deve-se a Giuseppe Maria Tomasi<sup>5</sup> (1649-1713), que, no início do século XVIII (provavelmente em 1707), escreveu algumas “Riflessioni intorno a una nuova Accademia di Liturgia, che si pensa d’instituire”<sup>6</sup>. As reflexões de Tomasi, indicadoras da necessidade sentida no início do século XVIII de uma formação litúrgica mais profunda dos futuros pastores, não versam tanto sobre a organização ou o esquema de estudo da Liturgia, mas sobretudo sobre o método a adoptar em tal estudo.

Aquela nova Academia, que se pensava criar e para a qual foi solicitada a Tomasi a proposta de método, só viria a ser criada em 1740, pelo Papa Bento XIV e com uma configuração bem diferente da defendida pelo Teatino. Bento XIV (1740-1758), apaixonado pela erudição e pela investigação histórica, em finais de 1740, criou 4 Academias, uma das quais dedicada à Liturgia<sup>7</sup>. Ao instituir esta Academia Litúrgica, o Pontífice não deu qualquer indicação sobre os seus objectivos ou sobre a orientação das dissertações, mas é evidente a orientação prevalentemente histórica do estudo da Liturgia. Estas Academias tiveram uma existência efémera: criadas em 1740, começaram a funcionar no ano seguinte, mas depois da morte do Pontífice, em 1758, acabaram por desaparecer.

Quer a proposta de método para o ensino da Liturgia, da autoria de Tomasi, quer a criação da Academia Litúrgica romana em 1740, por Bento XIV, são sinal da maturidade atingida pela ciência litúrgica, pensada já como matéria autónoma de investigação e ensino, e da necessidade sentida então de uma mais profunda formação litúrgica. Estas duas iniciativas po-

<sup>5</sup> Giuseppe Maria Tomasi, teatino, feito cardeal em 1712, canonizado em 1986, é reconhecido como um dos mais insignes liturgistas do seu tempo.

<sup>6</sup> In *Venerabilis Viri Josephi Mariae THOMASI Cler. Regul. S.R.E. Cardinalis Opera omnia* 7, ed. A. Vezzosi, Romae 1754, 183-186. Sobre este documento, cf. I. SCICOLONE, *Il Cardinale Giuseppe Tomasi di Lampedusa e gli inizi della scienza liturgica (Studia Anselmiana 82 – Analecta Liturgica 5)*, Roma 1981, 160-163.

<sup>7</sup> Cf. G. MORONI, *Dizionario di erudizione storico-ecclesiastica* 1, Venezia 1840, 48: situa a criação destas Academias no mês de Dezembro. Por sua vez, M.P. DONATO, *Accademie romane. Una storia sociale, 1671-1824* (Studi e Strumenti per la Storia di Roma 4), Napoli 2000, 86: situa a criação das Academias em Outubro.

dem ser consideradas os antecedentes imediatos da criação das duas primeiras cátedras universitárias de Liturgia, em Roma e em Coimbra. É neste contexto que emerge a figura do jesuíta português Manuel de Azevedo, idealizador e organizador dessas duas primeiras cátedras e primeiro lente universitário de ciência litúrgica.

## Manuel de Azevedo: nota biográfica<sup>8</sup>

Manuel de Azevedo nasceu em Coimbra na noite de Natal de 1713. Educado pelo seu tio paterno Sebastião Vieira da Silva, prior de Santa Justa de Coimbra, entrou na Companhia de Jesus, em 1728. Em Coimbra fez o noviciado e estudou Humanidades (1730-1732) e Filosofia (1732-1736). A partir de 1736, leccionou Latim (1736-1738), Retórica e Humanidades (1738-1739) no Colégio de S. Antão, em Lisboa, e Retórica na Universidade de Évora (1739-1741). Começou os estudos de Teologia em Évora (1741), mas apenas por três meses, já que o Geral da Companhia de Jesus, Francisco Retz, o chamou para Roma, onde chegou em Maio de 1742, para continuar os estudos teológicos.

Concluídos os estudos teológicos, a partir de 1746, foi o procurador em Roma quer da Jacobeia, quer do episcopado português, na polémica do Sigilismo<sup>9</sup>. Começou então um período de prodigiosa actividade: em poucos anos editou toda a obra de Bento XIV e delas redigiu sinopses; foi nomeado consultor da Congregação dos Sagrados Ritos, professor da primeira cátedra de Liturgia, a *Schola Sacrorum Rituum* do Colégio Romano, e membro das Academias de Liturgia e de História Eclesiástica criadas pelo mesmo Pontífice. Foi ainda Postulador Régio das causas de canonização de D. Afonso Henriques, primeiro monarca português, e da venerável Maria do Lado do Lourçal.

Por pressão do Marquês de Pombal, foi afastado de Roma nos primeiros meses de 1754. A proximidade entre Azevedo e o Papa, a influência que exercia em Roma e a sua ligação à Jacobeia tornaram-no para o futuro

<sup>8</sup> Para uma apresentação sintética, cf. C. CABECINHAS, «Manuel de Azevedo, S.J. – um ilustre exilado (1713-1796)», *Brotéria* 169 (2009) 337-347.

<sup>9</sup> Cf. A.P. da SILVA, *A questão do Sigilismo em Portugal no século XVIII. História, religião e política nos reinados de D. João V e de D. José I*, Braga 1964.

Marquês de Pombal um obstáculo que urgia eliminar. Mas por detrás do ministro português actuavam outros inimigos de Azevedo, nomeadamente Jesuítas, que foram habituais opositores dos Jacobeus. A saída forçada de Roma significou, para Manuel de Azevedo, uma interrupção abrupta das actividades até aí desenvolvidas. Algumas dessas actividades ficam irremediavelmente comprometidas, como a publicação de textos litúrgicos antigos ou a leccionação da cátedra de Liturgia, que idealizara e organizara. Note-se que o nome de Manuel de Azevedo entre os liturgistas é conhecido mais pela edição do chamado “Missal de Azevedo”<sup>10</sup>, primeiro volume da sua colecção de textos litúrgicos antigos, do que como professor da primeira cátedra de Liturgia, facto muito pouco conhecido.

Afastado de Roma, não regressou a Portugal, pois alimentava a esperança de ver revogada a ordem que o afastara. Nunca abandonou totalmente a sua actividade literária. Viveu em várias cidades italianas e encontrava-se em Fano, em 1773, quando a Companhia de Jesus, a que pertencia, foi extinta. Em Veneza publicou a *Vita del Taumaturgo Portoghese Sant’Antonio di Padova* (1788), na época a melhor biografia deste santo português e um autêntico “best-seller”, com sucessivas reedições (a 1ª edição é de 1788, a 2ª de 1789, a 3ª de 1793...) e traduções (em espanhol, português e, parte da obra, em polaco). Manuel de Azevedo morreu no dia 2 de Abril de 1796.

## A criação das duas primeiras cátedras de Liturgia

As duas primeiras cátedras de Liturgia, em Roma e em Coimbra, estão intimamente ligadas. Embora com desenvolvimentos posteriores autónomos, o processo de criação de ambas as cátedras só pode ser abordado conjuntamente. Foi neste processo que se demonstrou determinante a acção de Manuel de Azevedo.

Em 1740, o Papa Bento XIV propusera ao Geral da Companhia de Jesus F. Retz a criação da cátedra de História Eclesiástica e de Liturgia no Co-

<sup>10</sup> *Vetus Missale Romanum Monasticum Lateranense cum praefactione, notis, et nonnullis opusculis, quae omnia nunc primum in lucem eduntur a P. Emmanuele de Azevedo Societatis Jesu*, Romae 1752 [reprodução fac-similada: N. ANTONELLI, *Vetus Missale Romanum monasticum lateranense. Reimpressio editionis Romae anno 1752 publici iuris factae introductione aucta*, ed. A. Ward – C. Johnson (BEL.S - Supplementa 4), Roma 1998], 21754, 31756.

légio Romano. A cátedra de História foi efectivamente inaugurada em Novembro de 1742<sup>11</sup>; quanto à cátedra de Liturgia, caberia depois a Manuel de Azevedo a sua organização e leccionação.

Terminados os estudos teológicos, Manuel de Azevedo pretendia regressar a Portugal e dedicar-se às missões. Porém, o encontro com o Papa Bento XIV acabou por levar Azevedo a abraçar outros projectos.

O jesuíta fora nomeado procurador em Roma dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra e de alguns bispos ligados aos Crúzios. A ligação de Manuel de Azevedo aos Cónegos de Santa Cruz de Coimbra vinha já de longa data e tinha compreensíveis motivos: dois dos seus irmãos de sangue pertenciam a esta Congregação. O seu irmão João António de Azevedo, apenas um ano mais velho que Manuel de Azevedo, recebeu, em 1732, o hábito dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, em Santa Cruz de Coimbra, com o nome de João de Santa Maria de Jesus, também chamado D. João o Sexto. O irmão mais novo, Joaquim Alberto de Azevedo (1724-1798), recebeu o hábito religioso em Santa Cruz de Coimbra em 1739, com o nome de Joaquim da Encarnação. Através dos seus irmãos, entrou Azevedo em contacto com Frei Gaspar da Encarnação, o reformador da Congregação dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra, e através deste, com o rei D. João V, de quem Frei Gaspar da Encarnação era ministro de Estado. Esta proximidade com os Cónegos Regrantes explica também a relação privilegiada com alguns bispos portugueses, originários daquela Congregação, como o Bispo de Leiria, D. João de Nossa Senhora da Porta, e o Bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação. É enquanto procurador dos Cónegos e de alguns bispos que Manuel de Azevedo assumirá a incumbência, em 1746, da edição das obras do Pontífice, como compêndios ou manuais a utilizar na Academia Litúrgica que se pretendia criar em Coimbra.

A iniciativa quer da criação da nova cátedra de Liturgia em Coimbra, quer da edição das obras do Pontífice partiu dos Crúzios e de alguns bispos portugueses. Assim, Frei Gaspar da Encarnação, em carta ao Papa, com

<sup>11</sup> Cf. P. de LETURIA, «El P. Filippo Febei S.I. y la fundación de la cátedra de Historia Eclesiástica en el Colegio Romano (1741)», *Gregorianum* 30 (1949) 158-192; R. GARCIA VILLOSLADA, «Las cátedras de Derecho Canónico, Historia Eclesiástica y Liturgia en el antiguo Colegio Romano», *Gregorianum* 34 (1953) 573-593; SABATINI, D., «Una disciplina scomoda. La fondazione della cattedra di storia ecclesiastica nel Collegio Romano (1742)», *Dimensioni e Problemi della Ricerca Storica* 1 (1992) 193-221.

data de 4 de Agosto de 1746, refere que os Cónegos Regrantes tinham assumido o encargo da edição da obra de Bento XIV, sob a responsabilidade de Manuel de Azevedo<sup>12</sup>. O mesmo reformador, em carta com data de 24 de Agosto do mesmo ano, refere o encargo dado ao P. Manuel de Azevedo de publicar as obras do Pontífice, para uso da “Academia Conimbricense”<sup>13</sup>. O próprio Azevedo, em carta ao Papa, sem data, mas que, pelo conteúdo, podemos situar em Julho ou Agosto de 1746, refere claramente a incumbência recebida de publicar as obras do Pontífice e fala ao Papa explicitamente da criação da nova cátedra de ciência litúrgica<sup>14</sup>.

Manuel de Azevedo, mandatado para a edição das obras do Pontífice, encontrou-se pessoalmente com Bento XIV<sup>15</sup> e lançou-se nessa exigente tarefa. Com os seus colaboradores, traduziu para latim as obras do Papa escritas em italiano, verificou todas as citações e introduziu no texto pequenas alterações e correcções, fez os índices e redigiu os prefácios e as dedicatórias. Em poucos anos (1747-1751), conseguiu imprimir as *Opera* de Bento XIV em 12 tomos<sup>16</sup>.

Como se referiu, a edição das obras do Pontífice surgira em estreita ligação com a iniciativa da criação da cátedra de Liturgia em Coimbra: *ad usum Academiae Liturgicae Conimbricensis*. Manuel de Azevedo, que fora o editor, foi também o responsável pela organização e estruturação da nova cátedra em Coimbra. Assim, graças às diligências de Manuel de Azevedo, Bento XIV, com a bula *Gloria Domini*, de 22 de Junho de 1747, criou a Academia Litúrgica Pontifícia de Coimbra, com cátedras de História Eclesiástica e de Liturgia, no Colégio dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz. Cerca de um ano depois, Azevedo foi nomeado titular da recém-criada primeira cátedra universitária de Liturgia: a *Schola Sacrorum Rituum* do Colégio Romano.

A ciência litúrgica entra deste modo no número das disciplinas teológicas universitárias.

<sup>12</sup> Cf. ARCHIVIO SEGRETO VATICANO (ASV), *Segr. Stato – Principi* 242, f.51r.

<sup>13</sup> ASV, *Segr. Stato – Principi* 242, f.58.

<sup>14</sup> ASV, *Segr. Stato – Principi* 241, f.412r-412v.

<sup>15</sup> ARCHIVUM ROMANUM SOCIETATIS JESU (ARSJ), *Vitae* 155, f.54v-55r.

<sup>16</sup> SS. D. N. BENEDICTI XIV *Opera in duodecim tomos distributa*, Romae 1747-1751.



## A *Schola Sacrorum Rituum* do Colégio Romano

A primeira cátedra universitária de ciência litúrgica a funcionar efectivamente foi a *Schola Sacrorum Rituum* do Colégio Romano.

Quanto às razões da escolha de Manuel de Azevedo como professor desta primeira cátedra pública de Liturgia, o historiador Ricardo García Villoslada aponta para a sua formação humanística, para o seu magistério de retórica e humanidades em Lisboa e Évora, que lhe asseguravam um perfeito conhecimento das línguas clássicas, bem como para a sua influência social em Roma<sup>17</sup>. Contudo, determinante para a escolha de Azevedo foi a pressão quer dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra, quer da Coroa portuguesa.

A *Schola* foi inaugurada no dia 21 de Novembro de 1748, com solenidade e grande afluência de pessoas. Mas não foi apenas a abertura solene da *Schola* que teve grande sucesso: nos primeiros anos da sua existência, conseguiu grande adesão, com 126 alunos no primeiro ano; 200 no início do segundo ano; cerca de 300 no fim desse mesmo ano. Não eram tanto os jovens alunos do Colégio Romano que frequentavam a *Schola*, mas, na maior parte dos casos, doutores em Teologia ou em Cânones.

Cada ano académico da *Schola* começava a 21 de Novembro, celebração da Apresentação da Virgem Maria no Templo, e terminava a 21 de Junho, festa de S. Luis Gonzaga<sup>18</sup>. No decurso de um ano académico eram apresentadas 100 *exercitationes* de cerca de meia hora. A duração do curso completo era de 4 anos, pois essa era a duração do curso de Teologia no Colégio Romano. As matérias estavam distribuídas, pelos 4 anos, do seguinte modo:

1. *De Sacrosancto Missae Sacrificio (De Missali Romano)*.
2. *De Divino Officio (De Breviario Romano)*.
3. *De sacramentorum administratione (De Rituali Romano)*.
4. *De Benedictionibus et precibus (De Pontificali Romano)*.

<sup>17</sup> R. GARCIA VILLOSLADA, «Las cátedras de Derecho Canónico, Historia Eclesiástica y Liturgia en el antiguo Colegio Romano», *Greg* 34 (1953) 587.

<sup>18</sup> Para o funcionamento desta cátedra, Azevedo elaborou um *Methodus in Schola Sacrorum Rituum Servanda*. É essa a origem destas informações, confirmadas depois por testemunhos da época.

Manuel de Azevedo foi o primeiro a reivindicar explicitamente para a ciência litúrgica um lugar entre as disciplinas teológicas<sup>19</sup>, uma vez que o seu objecto é comum às restantes disciplinas do curso de Teologia. Subjacente a esta posição, estava o reconhecimento da natureza teológica da Liturgia<sup>20</sup>. Azevedo define a nova disciplina de ciência litúrgica como o estudo de todos e ritos e cerimónias que dizem respeito à administração dos Sacramentos, à Eucaristia, às horas canónicas, às bênçãos e a outras funções sagradas. O objectivo desta ciência é a explicação dos ritos e cerimónias da Igreja. A esta disciplina designa Azevedo como *Sacrorum Rituuum disciplina*, *Liturgia* ou *liturgica disciplina*. Na leccionação, Azevedo adoptou uma perspectiva prevalentemente histórica, deixando de lado a interpretação de tipo alegórico, típica da Idade Média, que conhecia, mas da qual conscientemente se afastou, e procurando ultrapassar uma abordagem meramente rubricista. Desta abordagem histórica não estavam afastados também objectivos apoloéticos.

Azevedo foi o primeiro professor da *Schola* e manteve-se à frente desta cátedra de 1748 até ao início de 1754, isto é, até ao seu afastamento forçado de Roma. A Azevedo sucedeu Carlo Benvenuti, de 1754 a 1760, e Francesco Aquasciati, de 1760 a 1773. Contudo, nenhum destes professores deixou obras de temática litúrgica, e a *Schola* não voltou a ter o sucesso experimentado com Azevedo. A extinção da Companhia de Jesus em 1773 significou o fim da *Schola Sacrorum Rituuum*<sup>21</sup>.

## A Academia Litúrgica Pontifícia de Coimbra

Como já se referiu, o Papa Bento XIV criou, em 1747, a Academia Litúrgica Pontifícia de Coimbra, para leccionação das cátedras de História Eclesiástica e de Liturgia, no Colégio de Santo Agostinho dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz. Assim, a cátedra de Liturgia de Coimbra foi a pri-

<sup>19</sup> Cf. S. MARSILI, «La liturgia nella strutturazione della teologia», *Rivista Liturgica* 58 (1971) 157-159; S. MARSILI – D. SARTORE, «Teologia liturgica», in D. SARTORE – A.M. TRIACCA – C. CIBIEN (ed.), *Liturgia*, (Dizionari San Paolo), Cinisello Balsamo 2001, 2007.

<sup>20</sup> Cf. MARSILI – SARTORE, «Teologia liturgica», 2007.

<sup>21</sup> A cátedra de Liturgia foi restaurada, no Colégio Romano, em 1824 e foi leccionada até 1871; mais tarde, já na Universidade Gregoriana, sucessora do antigo Colégio Romano, foi de novo instituída no ano lectivo de 1920-1921.

meira cátedra pública de Liturgia a ser oficialmente instituída, embora não tenha sido efectivamente a primeira a funcionar. Na bula *Gloria Domini*<sup>22</sup>, o Papa sublinha que a iniciativa não partira de si, mas dos próprios Cónegos Regrantes, que tiveram a apoiá-los vários bispos portugueses. Bento XIV apresenta a História Eclesiástica como ciência auxiliar do estudo da Liturgia. Daí que a designação oficial desta instituição fosse “Academia Litúrgica”. A bula de criação confiava aos Cónegos Regrantes a nova Academia, sendo os professores das duas cadeiras, bem como os professores substitutos, Cónegos Regulares daquela congregação. A Academia ficava sob a tutela e patrocínio de Bento XIV e da Sé Apostólica, cabendo a Frei Gaspar da Encarnação, Visitador e Reformador da Ordem, e depois dele ao Superior Geral de Santa Cruz de Coimbra, a representação do Pontífice junto da Academia. O Pontífice determinava ainda os rendimentos próprios da Academia, que deveriam garantir a sua viabilidade. Cabia ao bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação, o encargo de elaborar os Estatutos, que deviam estabelecer as 2 cátedras.

Apesar de criadas em 1747, as duas cátedras desta Academia só começaram a funcionar em 1756. Desconhecemos, em concreto as dificuldades que fizeram adiar deste modo o início de actividade da Academia. Certamente que a este adiamento não foi alheia a morte de Frei Gaspar da Encarnação, em 1752, ele que fora um dos grandes promotores da Academia. Depois da morte do reformador, surgiram várias dificuldades e divisões internas no seio da Congregação dos Cónegos Regulares de Santa Cruz de Coimbra, o que terá contribuído também para atrasar o processo de organização da Academia.

Um dos motivos que levou os Cónegos Regulares de Santa Cruz a solicitar a criação da *Schola Sacrorum Rituum* no Colégio Romano e a apoiar monetariamente tal cátedra romana era a ajuda que daí poderia advir para o lente de Sagrados Ritos da Academia Litúrgica de Coimbra. Este propósito, porém, nunca se cumpriu realmente. Se a criação e organização desta cátedra se devem a Azevedo, este já não teve directa ligação com a leccionação aí ministrada, como era intenção inicial dos seus promotores. Não consta sequer que o lente da cátedra de Sagrados Ritos de Coimbra tivesse tido algum contacto com Azevedo.

<sup>22</sup> BENEDICTI XIV Pont. Opt. Max. olim Prosperi Cardinalis de Lambertinis Opera Omnia – Bullarium 2, Prati 1845, 231-238.

O único Lente da *cátedra de Sagrados Ritos* da Academia Litúrgica foi o crúzio Bernardo da Anunciação<sup>23</sup>. Doutorado em Teologia na Universidade de Coimbra, terá sido por se destacar no estudo da Teologia, e pelo seu conhecimento aprofundado das línguas bíblicas, que foi escolhido pelo Capítulo Geral da sua Congregação para lente de Sagrados Ritos. O seu nome ficou para a posteridade por causa desta sua actividade como lente da cátedra de Liturgia da Academia Litúrgica. Todas as obras que se lhe conhecem referem-se directamente à actividade da Academia.

O ano académico começava no dia 4 de Novembro e terminava a 30 de Junho. A abertura solene das actividades fazia-se com a celebração da Missa votiva da Anunciação e com um Congresso, na tarde desse mesmo dia, no qual era recitado o discurso de abertura do ano. O encerramento das actividades do ano académico fazia-se também com um Congresso, a 30 de Junho, no qual era pronunciado o discurso de encerramento do ano. As aulas de cada uma das cátedras tinham lugar dois dias por semana: Liturgia às terças e sextas; História Eclesiástica às quartas e sábados<sup>24</sup>. As aulas tinham a duração de uma hora. Querendo garantir um número mínimo de alunos, os Estatutos determinavam a participação nas aulas de pelo menos 4 alunos do Seminário de Coimbra e seis Cónegos Regulares. Aliás, D. Miguel da Anunciação inseriu uma determinação similar nos Estatutos do Seminário por ele criado. Para esses Estatutos solicitou ao Papa Bento XIV, por meio de Manuel de Azevedo a sua aprovação, em 1747, o que veio a acontecer em 1748<sup>25</sup>. Nesses Estatutos ou *Constitutiones*, o artigo XXXV, *de literarum studiis*, determinava que os alunos do Seminário frequentassem as aulas da Academia Litúrgica. Tal determinação mostra não só o quanto o prelado se preocupava com uma formação sacerdotal que incluísse o estudo da Liturgia, mas também a convicção de que as aulas das recém-criadas cátedras da Academia Litúrgica começariam a funcionar dentro de pouco tempo.

<sup>23</sup> Bernardo Manuel de Araújo Rangel nasceu no Porto a 13 de Dezembro de 1715. Tomou o hábito dos Cónegos Regulares em Santa Cruz de Coimbra em 13 de Janeiro de 1730, adoptando então o nome de Bernardo da Anunciação. Foi ele o editor da colecção dos trabalhos da Academia: *Collectio Academiae Liturgicae Pontificiae*, 5 vols., Collimbriae 1760-1762.

<sup>24</sup> As informações sobre o modo de funcionamento da Academia, nos seus diversos aspectos, encontra-se nos *Statuta Academiae Liturgicae Pontificiae*, in *Collectio Academiae Liturgicae Pontificiae*, vol. 1, Collimbriae 1760, 79-90.

<sup>25</sup> BENEDICTI XIV *Litterae Apostolicae in forma Brevis, quibus Confirmantur Constitutiones Seminarii Episcopalis Conimbricensis a Moderno Episcopo ejusdem Seminarii Fundatore munificentissimo maxima cum prudentia conditae & Sanctae Sedis censurae reverenter propositae*, Romae 1748.

Não se conhece o número de alunos desta cátedra. Teófilo Braga, baseando-se num documento da época, afirma que “esta actividade da *Academia litúrgica* [...] foi uma das causas de se achar a *faculdade* [de Teologia] *quasi deserta*”<sup>26</sup>. Desta indicação se pode deduzir que o número de alunos seria elevado, pois estudantes da faculdade de Teologia da Universidade acorriam também às aulas da Academia Litúrgica. Aqui reside uma novidade desta cátedra, em relação à *Schola Sacrorum Rituum* do Colégio Romano: Azevedo tinha como *Auditores* doutores em Teologia e em Cânones; Bernardo da Anunciação tinha alunos (*scholares*) de Teologia. Esta não é uma diferença negligenciável, pois manifesta a recepção da cadeira de Liturgia no conjunto das disciplinas do normal curso teológico.

Quanto à concepção de ciência litúrgica subjacente a esta cátedra, o aspecto mais marcante era a sua proximidade da história eclesiástica. Ao criar a Academia Litúrgica, *ad populorum aedificationem, et Divini Cultus incrementum*<sup>27</sup>, com as suas duas cátedras, Bento XIV apresenta a História Eclesiástica como ciência auxiliar da ciência litúrgica<sup>28</sup>. A ciência litúrgica era entendida como uma ciência eminentemente histórica, que se ocupava do estudo da origem e evolução dos Sagrados Ritos da Igreja. Bernardo da Anunciação manteve-se fiel a esta concepção, como evidencia o seu compêndio<sup>29</sup>.

Manuel de Azevedo fizera uma primeira tentativa de situar a ciência litúrgica em relação com as restantes disciplinas teológicas; na Academia Litúrgica de Coimbra não se vislumbram tentativas nesse sentido.

A estima de Azevedo por esta Academia, em cuja criação a sua acção fora determinante, está bem patente nas suas obras e nas alocações aos alunos da Academia, que imprimiu nas introduções aos vários tomos da edição das obras de Bento XIV. Apesar desse contributo determinante, o seu nome é simplesmente ignorado na documentação da Academia. A única excepção é uma referência explícita de Bernardo da Anunciação: no seu compêndio, na palavra introdutória *ad Lectorem*, ao expor a distribuição das matérias no ensino da cátedra de Liturgia, faz explícita referência à dis-

<sup>26</sup> T. BRAGA, *História da Universidade de Coimbra nas suas relações com a instrução pública portuguesa* 3, Lisboa 1898, 220.

<sup>27</sup> BENEDICTI XIV *Bullarium* 2, 233.

<sup>28</sup> BENEDICTI XIV *Bullarium* 2, 232: “Significarunt nobis propterea per suas literas de instituenda ad Ecclesiastici Ordinis instructionem nova Liturgica Academia, nempe Sacrorum Rituum, & ejus veluti adjutrici Historiae Ecclesiasticae Schola...”

<sup>29</sup> Cf. Anunciação, *Ritus universi Hierarchiae Ecclesiasticae in novem ordines dispersiti. Ordo Primus de Romano Pontifice*. Tomus I., Collimbriae 1760, 1-568.

tribuição das matérias proposta por Azevedo; refere ainda a sua erudição e ligação à Congregação dos Cónegos Regrantes de Santa Cruz de Coimbra, e atribui-lhe a *inventionis gloria* da distribuição das matérias<sup>30</sup>. Tal silêncio explica-se pelo facto de Azevedo se ter tornado, entretanto, *persona non grata* ao Marquês de Pombal, que em 1754 conseguira o seu afastamento de Roma. Quando a Academia começou a sua actividade já o Marquês de Pombal iniciara a sua luta sem tréguas contra os Jesuítas. Ora, o Marquês de Pombal não tolerava simpatias para com os membros da Companhia de Jesus e era implacável com todos aqueles que dele discordassem. É significativo que nenhum jesuíta tivesse sido convidado para integrar a Academia. Assim, a ausência de referências a Manuel de Azevedo parece justificar-se pelo receio de provocar o plenipotenciário ministro.

A existência desta Academia foi breve: foi extinta por acórdão do Desembargo do Paço, com data de 25 de Agosto de 1767<sup>31</sup>. O Marquês do Pombal, por meio do Desembargador Procurador da Coroa, Xavier da Silva, solicitou a dissolução da Academia, por não ter sido concedido o Beneplácito Régio à bula *Gloria Domini* que a criara. Apesar da sua existência breve, a Academia significou uma “lufada de ar fresco” no panorama teológico português da época, que terá posteriormente influência na reforma da Universidade de Coimbra.

## A introdução da Liturgia no curso teológico da Universidade (1772)

A extinção da Academia Litúrgica Pontifícia não significou o fim do estudo universitário da Liturgia em Coimbra: pouco depois, a reforma da Universidade em 1772, sob a égide do Marquês de Pombal, estabeleceu uma cátedra de Liturgia com características únicas para a época. Em todo o percurso feito até aqui, a figura do ministro de D. José, Sebastião José de Carvalho e Melo, Marquês de Pombal, foi referida, quer em relação à expulsão de Roma de Manuel de Azevedo, quer em relação à extinção da Academia Litúrgica Pontifícia de Coimbra. Ironicamente, é a mesma figura

<sup>30</sup> B. Anunciação, *Ritus universi*, [38]-[39].

<sup>31</sup> Um cópia do acórdão encontra-se no Arquivo do Seminário de Coimbra, *Vários papéis* VIII, f.41.

que agora surge como garante da continuidade do ensino universitário da ciência litúrgica através da reforma da Universidade, um dos marcos mais significativos do governo pombalino. A Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra sofreu uma profunda reformulação com a reforma pombalina<sup>32</sup> e incluiu pela primeira vez uma cátedra de Liturgia.

Os novos Estatutos, no que se refere à Teologia, rejeitam expressamente a Teologia Escolástica e a sua habitual distinção de disciplinas, estabelecendo um novo corpo de disciplinas principais do curso teológico:

“E porque as partes, e especies principaes, que formam o Corpo da Theologia Revelada, e Christã, se podem commodamente reduzir á *Dogmatica*, á *Polemica*, á *Moral*, á *Canonica*, á *Liturgica*, e á *Exegetica* [...] Hei por bem, e me praz ordenar, que no Curso Theologico se ensinem a *Dogmatica*, a *Polemica*, a *Moral*, a *Canonica*, a *Liturgica*, e a *Exegetica*”<sup>33</sup>.

A “Litúrgica” aparece, assim, pela primeira vez, como uma das disciplinas principais do curso teológico, a ser leccionada no 4º ano. A estas disciplinas junta-se a História Eclesiástica, como propedêutica indispensável aos estudos teológicos.

Por estranho que possa parecer, a influência de Manuel de Azevedo não está ausente da reforma pombalina da Faculdade de Teologia, no que diz respeito à inclusão da nova disciplina. Uma influência indirecta, é certo, mas que permite perceber a continuidade entre a *Schola Sacrorum Rituum* do Colégio Romano, a cátedra de “Sagrados Ritos” da Academia Litúrgica Pontifícia e esta cátedra de “Liturgia”, “Sciencia Litúrgica” ou “Theologia Litúrgica” dos Estatutos de 1772 da Universidade de Coimbra. Essa influência indirecta vê-se, antes de mais no papel determinante da extinta Academia Litúrgica de Coimbra na criação da nova cátedra. Não é necessário repetir o quanto a Academia estava relacionada com Manuel de Azevedo. Ora, a Academia Litúrgica teve real influência na reforma da Faculdade de Teologia: criara duas cátedras para disciplinas ausentes e des-

<sup>32</sup> Cf. A.C. ARAUJO, «As ciências sagradas na cidadela da razão», in *O Marquês de Pombal e a Universidade*, ed. A.C. Araújo, Coimbra 2000, 71-93; M.A. RODRIGUES, «A Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra e a reforma pombalina», *Brotéria* 114 (1982) 553-571; M.E.M. VEIGA, *Esboço historico-literario da Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra em commemoração do Centenario da Reforma e Restauração da mesma Universidade effeituada pelos sabios Estatutos de 1772*, Coimbra 1872 (sobretudo 93-208).

<sup>33</sup> *Estatutos da Universidade de Coimbra (1772)*, vol. 1, Coimbra 1972: L. I, tit. II, cap. II, 20.

conhecidas do curso teológico regular; deu um especial destaque aos estudos históricos, considerados fundamentais em todo o curso teológico; congregou alguns dos mais eminentes eruditos portugueses da época. Os Crúzios revelaram-se portadores de uma exigente e actualizada formação teológica e, através da Academia, apareceram como um importante foco de renovação da Teologia. O reconhecimento de tais méritos explica que alguns dos Crúzios, membros da Academia, fossem chamados para leccionar na Faculdade de Teologia, em 1772, como foi o caso de Bernardo da Anunciação, a quem foi confiada a cátedra de Exegese do Antigo Testamento; António da Anunciação, que fora o primeiro professor de História Eclesiástica na Academia, e que foi chamado para leccionar a mesma disciplina na Faculdade; Carlos M. de Figueiredo Pimentel, a quem foi confiada a cátedra de Exegese do Novo Testamento. Como se pode verificar, tratava-se de três disciplinas que, nos novos Estatutos, eram consideradas fundamentais e emblemáticas do novo espírito que se quis imprimir ao curso de Teologia.

Além do impacto que teve a criação da Academia no contexto teológico conimbricense e da influência dos seus membros como professores da Faculdade de Teologia, é necessário referir que dois elementos da Junta de Providência Literária, organismo responsável pela reforma pombalina da Universidade, foram membros da Academia Litúrgica: o Cardeal João Cosme da Cunha e Francisco de Lemos, Reitor da Universidade. Em relação ao Cardeal da Cunha, que presidia com o Marquês de Pombal às reuniões da Junta, não se pode pressupor que tenha tido um contributo determinante. Determinante foi a acção de Francisco de Lemos, Reitor da Universidade e membro da Junta, responsável precisamente pela reforma da Faculdade de Teologia. Também ele pertenceu à Academia Litúrgica Pontifícia. Foi admitido entre o número dos sócios em 1760. Fez, nessa ocasião, o elogio da Academia, falando dela como elemento de renovação dos estudos em Portugal e afirmava ser mérito dos seus membros ter retirado a Teologia do seu antigo estado de decadência<sup>34</sup>. Ora, foi este membro da Academia que recebeu o encargo da reforma da Faculdade de Teologia. Daí que a ciência litúrgica apareça, desde início, no elenco das disciplinas teológicas.

<sup>34</sup> *Oração gratulatoria, recitada na Academia litúrgica, a 4 de Novembro de 1760*, na Typographia da Academia Litúrgica, Coimbra 1762.



A influência de Manuel de Azevedo detecta-se ainda noutro membro da Junta de Providência Literária, determinante na reforma da Faculdade de Teologia: o bispo Manuel do Cenáculo. Em 1750, Cenáculo viajou para Roma, por ocasião do Capítulo-Geral da Ordem Franciscana. Foi em Roma que conheceu pessoalmente a Manuel de Azevedo, em Maio de 1750, e contactou com a sua leccionação da “Cadeira de Ritos” no Colégio Romano. Foi o seu primeiro contacto com essa nova disciplina teológica. No regresso à pátria, Cenáculo foi pioneiro no estudo da nova disciplina, sobre a qual defendeu publicamente as suas “Conclusões”, que dedicou a Bento XIV por intermédio de Manuel de Azevedo. O contacto epistolar com Manuel de Azevedo manteve-se até 1792. Azevedo dedicou a Cenáculo a sua obra de maior sucesso: a sua biografia de Santo António (1788). Por sua vez, Cenáculo não perde a oportunidade de recomendar a sua leitura. E o interesse de Cenáculo pelas obras de Azevedo manteve-se até à morte deste. Mesmo depois da reforma pombalina da Universidade, Cenáculo continua a indicar Azevedo como referência para o estudo da ciência litúrgica.

Quanto à nova cátedra, as lições de *Theologia Liturgica* eram diárias e tinham a duração de uma hora. Quanto aos conteúdos, é de assinalar que, nos Estatutos pombalinos, a *Theologia Liturgica* incluía a *Theologia Sacramental* e a *Liturgica* propriamente dita. Os Estatutos apresentam de forma detalhada o que a esta disciplina diz respeito: apresentam primeiro as noções básicas e definem aquilo que deverá ser a introdução à disciplina; depois definem os seus conteúdos e a sua ordem, no que concerne à Teologia sacramental e à Teologia litúrgica propriamente dita.

Manuel Francisco da Costa Cabral e Moura (1729-1813) foi o primeiro lente da cátedra litúrgica, que regeu de 1772 a 1793. Pouco se conhece da sua actividade como lente de Teologia litúrgica, porque não deixou qualquer escrito. Foi encarregado pela Congregação da Faculdade de Teologia, em 1786, de redigir o compêndio para a cátedra de Teologia Litúrgica. E, de facto, parece ter começado de imediato o trabalho de composição do novo compêndio. Porém, nunca foi concluído nem é conhecido sequer o seu projecto.

Inicialmente, o compêndio que servia para a leccionação da Teologia litúrgica era o de M. Gerbert: *Principia theologiae liturgicae et sacramentalis*. Este compêndio não foi apenas adoptado para a leccionação da nova cátedra, mas, sobretudo, esteve na base da estruturação daquilo que para esta

disciplina estipulam os Estatutos. A adoção do compêndio de Gerbert era provisória, até que os lentes da Faculdade de Teologia redigissem compêndios próprios, conforme determinação dos novos Estatutos. Embora provisório, continuou a ser usado até 1846.

A inclusão da disciplina de Liturgia no curso teológico da Universidade de Coimbra teve notáveis consequências a nível da difusão desta disciplina em Portugal, pois a generalidade das ordens religiosas que tinham estudos teológicos adaptou o seu currículo ao da Universidade. Foi uma vez mais o Marquês de Pombal que tomou a iniciativa, sugerindo ao Reitor da Universidade, Francisco de Lemos, em 1773, a conveniência de que as ordens religiosas adaptassem os seus planos de estudos de Teologia e Filosofia aos novos Estatutos. A generalidade das ordens religiosas seguiu a instrução pombalina. Os novos Estatutos tiveram, pois, um efeito multiplicador, passando a até então praticamente inexistente cátedra de ciência litúrgica a figurar nos currículos teológicos das ordens religiosas e, posteriormente, nos Seminários diocesanos do país<sup>35</sup>.

A reforma pombalina da Universidade de Coimbra não foi um caso isolado no panorama europeu daquele período histórico. Para apreender o específico da cátedra de Liturgia dos Estatutos pombalinos, bem como das cátedras que a antecederam e influenciaram decisivamente a sua criação, importaria compará-la com outras reformas universitárias em que o ensino da ciência litúrgica também estivesse presente.

As semelhanças entre a época das Luzes em Espanha e Portugal, que se manifestam também a nível das reformas universitárias, aconselhariam a fazer a comparação nesse âmbito geográfico. Porém, neste período, só é possível encontrar a ciência litúrgica entre as disciplinas universitárias nos países de língua alemã e outros territórios sob o domínio do Império Austro-Húngaro. Aí a ciência litúrgica começou a figurar entre as disciplinas universitárias, de forma estável, como parte da disciplina de Teologia Pastoral, a partir de 1777.

A Teologia Pastoral foi oficialmente reconhecida e integrada nos estudos teológicos pela imperatriz Maria Teresa, na Universidade de Viena,

<sup>35</sup> O alvará de 10 de Maio de 1805 determinou que o curso dos Seminários seguisse o currículo dos Estatutos da Universidade. Ao longo de todo o século XIX, apesar da oposição de vários bispos contra a ingerência estatal, o Estado insistiu sobre a necessidade de conformidade entre o currículo da Universidade e os currículos dos Seminários.

pela reforma de 1774-1777, baseada no plano de estudos do abade beneditino Franz Stephan Rautenstrauch. Ora, Rautenstrauch conhecia, já em 1749, a cátedra de Liturgia do Colégio Romano, regida por Manuel de Azevedo. Por outro lado, conhecia o plano de estudo do também abade beneditino M. Gerbert, que incluía o ensino da ciência litúrgica. Não admira, por isso, que incluísse o estudo da Liturgia no seu projecto.

Apesar da grande conformidade nas linhas orientadoras de ambas as reformas e da proximidade de configuração dos novos currículos teológicos, a ciência litúrgica conheceu sortes diferentes em Coimbra e Viena. Se, por um lado, a ciência litúrgica passou a integrar os currículos de ambas as Universidades, por outro lado, a importância que lhe era reconhecida diferia muito de uma para outra.

Em Coimbra, a ciência litúrgica era entendida como disciplina autónoma e, pela sua importância, foi-lhe atribuída uma cátedra própria. Em Viena, a ciência litúrgica era apenas parte da recém-criada disciplina de Teologia Pastoral. Nos Estatutos pombalinos, por sua vez, foi a Teologia Pastoral que não apareceu como disciplina autónoma<sup>36</sup>. Consequentemente, se em Coimbra a cátedra era autónoma e tinha professor próprio, em Viena, cabia ao professor da Teologia Pastoral a leccionação do que à Liturgia dizia respeito.

Também a influência jansenista varia muito de uma para a outra destas duas cátedras: se a parte litúrgica da Teologia Pastoral, na Universidade vienesa, denotava clara influência do Jansenismo, nos Estatutos pombalinos não é detectável influência jansenista no que se refere à ciência litúrgica.

A perspectiva adoptada em ambas as cátedras é também diferente, com consequências no elenco dos conteúdos a abordar. Dado o acentuado pragmatismo da cátedra de Teologia Pastoral, em Viena, apenas os aspectos práticos e as exigências canónicas para uma correcta administração dos sacramentos eram abordados pelo professor. Esta opção implicava que os aspectos doutrinais tivessem já sido abordados noutras cátedras. Em Coimbra, a perspectiva adoptada na leccionação da ciência litúrgica era, ao mesmo tempo, histórica, dogmática e prática. Os Estatutos pombalinos davam à di-

<sup>36</sup> Os Estatutos previam, como parte da Teologia Moral do terceiro ano, o ensino da “Prudência Christã e Pastoral”, que incluía a Homilética, a Catequética, o ministério da confissão e o exercício do “poder das chaves” (*Estatutos da Universidade de Coimbra (1772)*, L. I, tit. III, cap. III, 50-59). Só em 1861 foi criada, na Universidade de Coimbra, uma cátedra autónoma de Teologia Pastoral e Eloquência.

menção histórica uma importância fundamental; a abordagem dogmática dos sacramentos (teologia sacramental) era considerada parte integrante da cátedra de ciência litúrgica; e a dimensão prática surgia como corolário e consequência do que, quer os dados históricos, quer a reflexão teológica dogmática, haviam posto em destaque. Esta concepção de ciência litúrgica implicava um alargamento dos conteúdos da cátedra de “Litúrgica” de Coimbra, em relação ao previsto em Viena para a parte litúrgica da Teologia Pastoral.

A inclusão, no currículo teológico de Coimbra, da cátedra de Liturgia, considerada uma das disciplinas principais, quando isso não aconteceu em reformas similares da mesma época, explica-se pelos seus antecedentes. Nos Estatutos pombalinos acolhe-se uma concepção de ciência litúrgica influenciada pela Academia Litúrgica Pontifícia, e, de modo indirecto, por Manuel de Azevedo. Foi essa “matriz” que foi acolhida nos novos Estatutos, dando à ciência litúrgica um relevo inédito até então ao nível dos currículos dos cursos teológicos universitários.

## Conclusão

Os Estatutos pombalinos representam um notável progresso na concepção de ciência litúrgica, com indicações metodológicas detalhadas. Beneficiando da reflexão sobre a ciência litúrgica das cátedras precedentes e dos compêndios de M. Gerbert, os Estatutos apresentavam uma ciência litúrgica tão bem estruturada quanto as restantes cátedras do curso teológico, apesar da novidade que representava. A designação da nova disciplina – “Litúrgica”, “Theologia Litúrgica” e “Scienza Litúrgica” – substituiu as designações anteriores de “Ritos Sagrados”. Na clarificação do lugar da ciência litúrgica no conjunto das disciplinas teológicas, os Estatutos situam-na na Teologia prática. Azevedo fizera uma primeira tentativa de reflectir sobre a relação da ciência litúrgica com as restantes disciplinas teológicas, mas a sua preocupação era mais justificar a atribuição de uma cátedra autónoma para o estudo da Liturgia, do que clarificar a sua relação com as restantes disciplinas. Na Academia Litúrgica de Coimbra a questão não sofreu evolução. Só os Estatutos pombalinos clarificaram realmente o lugar da ciência litúrgica no conjunto do currículo teológico. Não se encontra, porém, um

esforço similar em clarificar o método próprio da nova disciplina. O método era fundamentalmente o da investigação histórica. A história é vista como garantia da cientificidade da nova disciplina. Azevedo elaborara um *methodus Scholae Sacrorum Rituum*, mas mais que um método, trata-se da organização da nova cátedra. Na prática, foi o método da investigação histórica que adoptou. Na Academia Litúrgica de Coimbra, a opção pela história, considerada “auxiliar” da ciência litúrgica, era explícita. Porém, nos Estatutos não se rejeita uma reflexão especificamente teológica, de acordo com as matérias estudadas.

Se o nome de Manuel de Azevedo é conhecido sobretudo pela sua acção de editor – das obras de Bento XIV e do *Thesaurus Liturgicus* – o seu contributo mais importante à ciência litúrgica consistiu na idealização e organização das cátedras de Liturgia em Roma e Coimbra, para as quais elaborara um projecto de ensino da Liturgia que ia muito além do mero rubricismo. Depois dele, outras cátedras de Liturgia surgiram, mas a Azevedo cabe o mérito de ter dado início a tal movimento: com ele a ciência litúrgica entrou no grupo das disciplinas universitárias. Azevedo fora, de facto, o primeiro a reivindicar explicitamente para a ciência litúrgica um lugar entre as disciplinas teológicas, defendendo a sua autonomia como disciplina universitária.